

Vol XXV, jul-dez, 2020, pág. 6-12

APRESENTAÇÃO: RECONHECIMENTO, IDENTIDADES EM MOVIMENTO, AMBIENTE, CONFLITOS E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS DIFERENCIADAS

Jordeanes do N. Araújo
Suellen Andrade Barroso

Desde Durkheim, Marx e Weber até os dias atuais experienciamos o tempo da crítica social. Com efeito, um sobrevôo por sobre a crítica dos clássicos, assim também como por sobre as análises benjaminianas a respeito da Modernidade, da Teoria do Reconhecimento, demonstra que o discurso filosófico e crítico sobre alguns conceitos clássicos e modernos, conferiu-lhe um ar de liberdade, a expressão de liberdade da subjetividade. Esta expressão passou a determinar de modo amplo as configurações da cultura que emergiram da dissociação do passado. Ao mesmo tempo, a moral ganhava autonomia mediante leis universais, o que permitia aos agentes sociais o reconhecimento de suas liberdades subjetivas.

No entanto, se a ciência a que chamamos Sociologia nasce como uma “narrativa sobre a modernidade” (RITA FELSKI,1995), o mundo contemporâneo observou transformações sociais, culturais e políticas que demandaram novos olhares e novas teorias sociais capazes de dar conta da complexa sociodiversidade humana e das reverberações decorrentes desse fenômeno.

Observa-se que nas últimas décadas a perspectiva de uma transformação radical da sociedade, em termos de emancipação, afastou-se gradativamente do alcance das pessoas. Se é verdade que houve mudanças significativas em direção a uma sociedade mais justa (no que diz respeito, por exemplo, a temas como o reconhecimento das diferenças culturais, de identidades em movimentos, grupos étnicos, direitos LGBTQ+), é do mesmo modo verdadeiro que, paralelamente, verificaram-se retrocessos relativos a questões de justiça distributiva (quer em termos de retração do Estado de bem-estar social e de retirada de direitos sociais garantidos constitucionalmente; quer em termos de distribuição de renda e riqueza, em nível global e em nível local nos diferentes países; quer em termos de mobilidade social).

Cotejando com Habermas, a modernização do mundo da vida não foi determinada apenas pelas estruturas da racionalidade como um fim último. O conceito de modernização se refere a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo:

à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais.

Consoante a isso, Axel Honneth (2003:200) afirma que o nexos existente entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo própria resulta da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal: “os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a que cabem determinadas propriedades e capacidades”.

A lógica dessas experiências se encontra na tessitura de um indivíduo social em reconstrução permanente de sua identidade. Uma identidade móvel articulada em três níveis distintos e interligados, a saber: a esfera emocional que permite ao indivíduo uma confiança em si mesmo para realizar seus projetos pessoais (formação educacional e diferenciada); a esfera da estima social que solidifica as experiências de solidariedade e projeta no sujeito social o autorrespeito por outras vidas (as campanhas solidárias em defesa da vida de minorias frente ao Coronavírus), por fim, a esfera jurídico moral que permite que a pessoa (o indivíduo social) seja reconhecida como autônoma e moralmente imputável em busca de reconhecimento, de redistribuição social e autorrespeito. Nesse sentido, o grau de autorrealização pessoal e coletiva cresce na medida em que a esfera pública passa por uma transformação radical através das inúmeras experiências de reconhecimento e solidariedade humana.

Nestes termos, a edição especial da revista EDUCAmazônia, **Reconhecimento, identidades em movimento, ambiente, conflitos e perspectivas educacionais diferenciadas**, nesta ocasião publica trinta e um (31) artigos debruçados em discussões em movimento respeitantes, *Manifestações culturais tradicionais de Povos tradicionais, Conflitos, violências, identidades, questões ambientais, Religiosidade de Matriz Africana e Educação diferenciada*.

Deste modo, em seu artigo **A política do Reconhecimento: Um diálogo com Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser, Araújo**, problematiza como o conceito de Reconhecimento tornou-se central na teoria social contemporânea. Ao mesmo tempo, redistribuição social, representação, participação e reconhecimento passaram a ser disposições práticas e jurídicas na demanda de vários coletivos humanos

a saber, grupos étnicos, comunidades tradicionais, quilombolas e dos movimentos sociais que se fazem presentes em vários campos de luta.

Em seu **Linho branco: andanças nas ruas, o antropólogo enquanto flâneur**, Geander Barbosa e Tainá Veloso refletem sobre a potência inventiva da rua, uma provocação ao pensar o espaço urbano embebido pela magia e arte que se manifesta nas categorias trazidas pela religião afro-brasileira, Umbanda, em que a “alma encantadora” é o *axé* (força vital) visto pelo olhar atento do antropólogo-*flâneur* que se apresenta na figura de Seu Zé Pelintra.

Tatiana Souza, tomando a experiência do Congado, no Brasil, como uma cultura de continuidade da matriz Bantu-africana, expõe em **Brasil, que País é esse? O contexto em que se inseriu o Congado**, os mecanismos de recriação e reatualização das culturas de origem bantu. A autora busca pensar a experiência congadeira a partir das ressignificações da cultura, das identidades e do pertencimento, trazendo compreensões do congado enquanto uma tessitura identitária da oralidade e da história de raiz africana. Em **Astronomia cultural em livros didáticos disponibilizados em escola indígena Parintintin**, Bueno, Oliveira e Nogueira constroem uma reflexão sobre como povos de diversas culturas interpretam e relacionam-se com o céu. Esse novo campo de estudo, também, é conhecido como arqueoastronomia, astroarqueologia, astronomia antropológica e etnoastronomia. Para as autoras, esse campo do conhecimento não separa céu e terra e não reconhece apenas um único céu, considerando que as interpretações humanas sobre os fenômenos naturais apresentam diferentes abordagens de acordo com sua construção cultural.

Araújo, em **O campo etnográfico onde começa? Onde termina? As possibilidades da escrita etnográfica**, evidencia as possibilidades de construção da escrita etnográfica percorrendo inúmeros exemplos desde as descrições clássicas do campo etnográfico (Malinowski, Geertz) até as escritas que levam em conta as situações do aqui e o agora do contexto etnográfico. O ensaio se propõe a estabelecer um diálogo com algumas perspectivas etnográficas no que concerne às suas descrições relativas a construção do trabalho de campo.

Fundamentados em questões relativas à relações conflituosas que tratam os surdos como doentes, Lindomar Steffen e Claudiomara Bortoloto em **O conceito clínico/médico de patolização e a necessidade de normatização do surdo através da escola e do**

trabalho, nos revelam como o conceito de deficiência auditiva a partir de uma perspectiva médica e suas implicações nas orientações pedagógicas que tende a partir desse diagnóstico tratar o surdo como corpo doente. Como resultado de discussão, tem-se a influência dessa orientação patologizada que tende a repercutir nas ações de inúmeros profissionais da educação, a falta de autonomia do surdo, e adequação do mesmo para o trabalho.

Ainda, sob a perspectiva do conflito, da violência, em **Violências e Escola**, Ana Claudia e Tatiane Souza abordam a violência manifestada no contexto escolar e as relações existentes, dentro desse espaço, entre crianças, desigualdades sociais e disputas de poder. Entendemos a escola como o lugar no qual identidades são forjadas, a partir de oportunidades ou de reproduções de lacunas sociais.

Continuando no campo da educação e seus múltiplos contextos diferenciados e inclusivos, apresentamos sete trabalhos referidos aos diversos contextos escolares e sua importância na formação, no ensino e na aprendizagem. Em seu **Sociologia no ensino médio: qual a importância do seu ensino?** Ingeborg Cofré e Bortoloto, para os autores, tal discussão deve-se ao fato de que, de tempos em tempos, a temática da “utilidade” das disciplinas de humanas ganha espaço no debate público, em que geralmente priorizam-se disciplinas que supostamente trazem “retorno imediato”.

Cátia Menezes em seu ensaio, **Um diálogo sobre alfabetização – para uma reflexão da prática**, nos convida a refletir sobre a importância da alfabetização para o sucesso da caminhada escolar, afirmando a relevância de reflexões docentes sobre o êxito da prática alfabetizadora. Ciente da importância do tema, a autora, traz a concepção de alfabetização e letramento como uma reflexão acerca da leitura e escrita, bem como uma discussão sobre o caminho a seguir para que esta fase de travessia aconteça de forma singular e significativa.

Neves, Azevedo, Medeiros e Mascarenhas, revelam dados importantes sobre a formação do EJA. Em **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CAMPO NO CONTEXTO AMAZÔNICO – reflexão sobre o desafio do respeito aos direitos**

educacionais dos cidadãos brasileiros, os autores demonstram que sob uma perspectiva reflexiva da Educação de Jovens e Adultos na Educação no contexto Amazônico, mas especificamente no Estado do Amazonas, desnudam a forma e o conteúdo de como é realizada a educação no campo no contexto amazônico e suas especificidades e realidades. Além disso, retratam as dificuldades e perspectivas vivenciadas pela EJA, além da falta de Políticas Públicas para essa modalidade educacional que atende jovens e adultos, que há tempos são deixados à margem da sociedade e vistos de maneira discriminatória.

No mesmo contexto discursivo, Ana Telma M. de Sousa Elizabeth Teixeira em seu **Experiências de jovens da Ladeira do Carmo no projeto trilhas da juventude: autoconhecimento e protagonismo em foco**, debatem sobre as atividades e as experiências dos jovens na formação. Segundo as autoras, tais experiências sociais forjaram protagonismos diversos e contribuiu para o crescimento, a emancipação crítica, e principalmente para a conscientização e formação bio-psico-social dos adolescentes.

Em, **Educação de jovens e adultos na área rural do município de Óbidos/PA: do direito instituído ao direito negado**, Lima, *Amaral*, Nogueira, Ferreira desnudam A diminuição da oferta de vagas e do funcionamento da EJA em escolas do município obidense, especialmente no meio rural. Em contexto diferentes, Nelcilene da S. Palhano Cavalcante, em seu **Um olhar sobre a trajetória da educação ambiental**, nos revela a inserção da Educação Ambiental (EA) no debate da crise ambiental, a partir da década de 1970 expondo sua trajetória a partir de documentos oriundos dos principais encontros internacionais que ocorreram nesse período. Pensando no contexto da Amazônia e as imensas dificuldades apresentadas para a consolidação de uma educação inclusiva de qualidade, Lopes e Mascarenhas em seu, **Escolas da Amazônia e o Multiculturalismo**, nos convidam a refletir sobre questões como racismo, equidade, inclusão, identidades, problemáticas sociais que estão no debate contemporâneo.

Em outro contexto, em Angola, Morais e Martins **Desenvolvimento de competências criativas: um estudo com alunos angolanos do ensino primário**, nos informam como o impacto do *programa Super-Criativo* tem revelado as competências criativas de

estudantes em sala de aula e no sucesso acadêmico. Particularmente, em dimensões de expressão oral e escrita.

Entre a pandemia e o pandemônio: uma reflexão no campo da educação, de Calejon e Brito, e **Reflexões sobre o conceito e o sentido da formação de professores** de Marcos Moura Gentil, tais contribuições nos remetem a problematizar os efeitos e as dificuldades de se pensar os diversos sentidos da formação de educadores, principalmente em períodos de pandemia como ressalta Calejon.

Seguindo com as temáticas ora aludidas anteriormente, Bezerra, Cavalcante e Lima, em **A ciência para a resolução de crimes: o papel da botânica forense no âmbito criminal**, nos revelam como a Botânica Forense pode nos ajudar a pensar na resolução de crimes, posto que, o biólogo forense lida com vestígios, tais elementos podem elucidar pistas presentes nos DNAs de plantas. Ainda com a mesma temática, em **Avaliação dos efeitos encontrados pelo uso de *euphorbia tirucalli* L. (euphorbiaceae) no tratamento contra o câncer**, Nascimento, Paz e Lima, nos relatam como o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais pode nos ajudar na prevenção e no tratamento do Câncer. Vale ressaltar que o conhecimento medicinal de plantas é tão antigo quanto a Humanidade.

A formação do psicólogo para a prevenção e o combate à violência contra a mulher no Brasil: Uma duoenografia, de Sousa Meira, Silva e Fonseca; **Saúde, sofrimento, defesas e patologias no trabalho de professores**, de Lima, Pereira, Santos e Moraes; **Inclusão de LGBT's nas políticas de ações afirmativas das universidades e o caminho (não) percorrido pela UFAM**, de Fernandes, Gondim, Cavalcante e Oliveira, nos convidam a refletir sobre os diferentes caminhos possíveis para combater a violência contra a mulher, com os LBTSQI+, e através de tais possibilidades, construir políticas de combate a violência, políticas de inclusão em âmbitos institucionais.

Finalmente, temos oito trabalhos que encerram esta edição especial tratando especificamente de temas que envolvem aplicação de metodologias qualitativas e quantitativas, metodologias ativas, métodos fenomenológicos cognitivos nos processos de aprendizagem em tempos de Pandemia: **Diálogo, triangulação e interdisciplinaridade: vias para integração metodológica entre pesquisas qualitativas e quantitativas**, de Gutierrez, Martins e Pimentel. **Prevención de la violencia escolar, presencial y virtual: propuesta en un ambiente universitario**, de Herrera, Covarrubias Terán e Cuevas Jiménez. **Zona de desarrollo próximo: características del guía, del aprendiz y de los procesos psicológicos superiores potencializado**, de Gómez Herrera e Covarrubias Terán. **Autoconsciência e afetos: enlaces entre afeto e cognição nos processos de desenvolvimento do self**, de

Nascimento, Paula e Roazzi. ***Entrevista fenomenológico-cognitiva dos estados autoconscientes (efea) de nascimento (2008): aspectos de sua estrutura e implicações metodológicas de um instrumento de caráter fenômeno***, de Nascimento, Paula e Roazzi. ***Doces deletérios da atividade docente no ensino superior brasileiro: autoconsciência em foco***, de Medeiros do Nascimento, Morais Revoredo e Roazzi. ***Metodologias ativas na formação do futuro médico numa universidade pública***, de Mendes Mardock e Azevedo Brasileiro. ***Capacidade de resposta das instituições educacionais no processo de ensino-aprendizagem face à pandemia de covid-19: impasses e desafios***, de Telma Luís Nhantumbo. ***A reciclagem de pneus inservíveis no Brasil nos anos de 2009 A 2017***, assinado por Wenderson Gomes dos Santos, Sergio Duvoisin Junior & Nélio Teixeira Machado.

Conforme prenunciado, o movimento é característica central dos agentes sociais registrados nas exposições ora apresentadas, pois a vida e as experiências vividas são percebidas como um processo de peregrinação. Nesse sentido, os artigos que compõem este número especial buscam descrever conflitos, violências, identidades, movimentos humanos, sistemas educacionais diferenciados, conhecimentos tradicionais e relações como dimensões para além do mero “estar no mundo”. São, por conseguinte, discussões associadas a aspectos de ordem teórica e empírica, realmente relevantes para o avanço científico nos diferentes campos da pesquisa contemporânea.

Ao mesmo tempo em que cumprimos os autores e agradecemos imensamente pela colaboração, desejamos a todos os interessados excelente leitura.

Mormaço amazônico em Tempos Pandêmicos, Julho de 2020